

O colecionador de minutos

Paulo Bomfim

Os textos são do livro *O colecionador de minutos*, do Príncipe dos Poetas Paulo Bomfim, recém-lançado em sua 3ª edição (Editora Gente). A seleção que segue foi feita ao acaso: abriu-se páginas e extraiu-se esse e aquele. Assim foi feita pois não seria possível selecioná-los por beleza de conteúdo, por profundidade de pensamento, pelo denso existencialismo, pela leveza poética. Todos têm tudo e na mesma intensidade.

O Colecionador de minutos vai, da primeira à última página, o tempo todo, ao infinito e volta, fazendo o pensamento e as emoções do leitor correrem sem parar.

G. A. P.

É possível que o sol, os planetas e o universo sejam apenas átomos de uma pedra colorida que um deus jovem escolhe entre outras pedras e atira alegremente na superfície calma de um lago...

Cão – Acordaremos da morte com os latidos alegres do cãozinho que brincou em nossa infância.

O Elefante – A faca de marfim e o livro do Destino.

O Lobo – Em sua solidão de estepe, o nivo das estrelas.

A criança brincou de pegador com o vento, de ciranda com as boras, e adormeceu abraçada a um ursinho de neblina.

Tinha tanta certeza de não ter certeza de nada, que principiou a ser a imagem que se refletia no espelho.

Só poeticamente conseguiremos explicar o mundo.

Nuvens de luto se transformam em chuva. Longos fios caem alinhavando o céu e a terra, o sorriso dos anjos com a nostalgia dos homens.

No meio da rua, abre-se a primeira corola de seda. Alguém a leva pela mão como uma espada, um ramo, ou uma flor de pétalas negras.

Saiu à janela e beijou a manhã, menina de cabelos de sol; saiu à janela e beijou a tarde, a mulher de rosto sereno; fechou a janela e amou a noite.

Todos nós somos viajantes à espera da partida. Em nossa bagagem levaremos duas gravatas de ternura, uma camisa de nuvens, um lenço de despedidas e um sorriso de perdão.

Olhou para as mãos e sentiu que elas poderiam ter sido raízes ou asas, barbatanas ou cristais.

No teto do dia, vigas transparentes sustentam telhas azuis.

Evocou suas lembranças animais, redescobriu em si a voz dos minerais e despertou na alma a floresta esquecida.

Depois, num turbilhão de gritos e de sombras, integrou-se na tarde que morria.

Sei que naufragaremos um dia na terra ou no mar, no nada ou na eternidade.

Mas, quando nosso barco penetrar o pórtico do desconhecido, estaremos em pé, na proa do destino.

Há muitos séculos existiram na terra os adoradores de nuvens. Suas almas evaporaram em escadas de sol. Quando chove, seus pensamentos regressam e cantam sobre os telhados.

O poeta é um médium recebendo a si mesmo.

O Armário – Atrás da porta fechada, o espelho reflete as prateleiras, túneis de sombra onde nossas roupas flutuam entre o ser e o não ser.

Parou, num passe de mágica, todos os relógios do mundo. Somente no peito, o último maquinismo funcionava ainda, dando horas de teimosia no universo mudo.

Colocou num tubo de ensaio dois pensamentos bons e um pouco de sal de inquietação. Procurava a simplicidade.

Adormeceu e deixou que, em seu sono, as papoulas falassem e os girassóis seguissem o giro das estrelas.

À meia-noite, os ponteiros se amam.

Cometas são pensamentos maus que os deuses atiram para longe.

Hoje, gostaria de falar de tudo o que não existiu. De criaturas que não nasceram, de árvores que não brotaram, de flores transparentes, de melodias sonhando violinos.

O poeta fez seu jardim da infância na casa estrelada, seu curso primário no chão de sua terra, o ginásio no fundo dos mares, o curso superior dentro de sua própria alma, e recebeu, no último ano de vida, um pergaminho de nuvens.

Escrever é uma forma de delírio, estranha comunicação entre o ser e o não ser, caminho secreto de alquimistas que transformam o segredo da vida em ritmo escrito.

Escreveu um poema de terra e nele inventou magnólias e petúnias.

Colocou uma pedra de nuvem no isqueiro do sol, e deixou que o dia se incendiasse.

Das ânforas de carne a alma evapora.

Se podemos construir uma casa de cimento e pedra, por que motivo não poderemos levantar, em outro plano, paredes de imagem e telhados de pensamentos?

Às vezes, o poema é aparentemente obscuro porque é uma fatia da vida.

Para os habitantes do fundo do mar, os barcos se resumem apenas nas quilbas que penetram a terra líquida.

Imagino estrelas para entender a noite.

A alquimia é um processo mental. Em nós a faculdade de transformar o tempo em eternidade.

Às vezes, nuvens de borracha apagam a cor do céu.

Só deveríamos chamar de vencedores àqueles que triunfassem numa luta em que todos os participantes tivessem a mesma oportunidade.

Sinto uma certa ternura por minhas angústias.

Afinal, elas fazem parte de minha família espiritual.

Dentro de pouco tempo, um imbecil poderá governar o mundo através de botões de comando.

Olho a terra, guarda-roupa florido onde deixarei meus trajes de carne...

Há momentos em que nem a vida, nem a morte nos satisfazem. Gostaríamos de inventar uma outra solução para nossos problemas.

Num pedaço de cântaro partido repousa, às vezes, a alma de uma fonte...

As frases que hoje invento voltarão à terra atraídas pela força de gravidade do próprio segredo.

O poema nasce da alma do poeta e se completa no coração do leitor.

Não me queixo da técnica, queixo-me dos homens que se automatizam.

Tenho saudade do futuro, dos dias distantes que não verei nascer, das criaturas que cruzarão os umbrais dos séculos vindouros, dos gestos bons que ainda correm como seiva na árvore da vida.

Deito sobre o papel a face de um pensamento triste e sinto duas palavras úmidas rolarem por meus dedos.

Não acredito que arte se faça em equipes. Não creio em grupos e plataformas. Respeito o artista que é uma ilha, e sorrio dos arquipélagos que se formam por temerem a solidão do mar.

Escrever é um ato de amor.



Sem nome

Oswaldo di Loreto

Nós, os velhos, pensamos demais a morte. Mais do que deveríamos; muito mais do que gostaríamos. Nada de estranho nisto: pela proximidade, a idéia se impõe à mente. Menino, quando estava para conhecer o mar, pensava muito nele.

Mas, apesar de pensarmos tanto, nós, os velhos, pensamos a morte com pensamento defeituoso. Recentemente, descobri dois defeitos.

O primeiro: pensava a morte como um momento grandioso para quem morre, talvez, até solene. Engano: é momento pequeno, vulgar. Eu, por exemplo, morri numa estação de metrô. Estação São Judas. Foi na última quinta-feira.

O segundo erro: pensava a morte como um acontecimento unitário, monobloco. *Morri*, ponto; *não morri*, ponto. Engano: é acontecimento fragmentário. Eu mesmo morri, de início, somente oito décimos (8/10) de uma morte (ou de uma vida?).

A estória desta minha morte foi a seguinte: sou daqueles paulistanos que andam pouco de metrô. Quase nada. Na verdade, só tomo o metrô uma vez por mês. De São Judas à Estação

Tietê. No entanto, apesar de utilizá-lo somente uma vez por mês, faço esta mesma viagem há 12 anos. Regularmente; sem faltas ou falhas.

Como os leitores podem imaginar, eu não entrava na fila para comprar passagem a cada vez que viajava. Comprava um “**múltiplo de 10**”, que durava quase um ano. Coisa lógica para quem está vivo.

Há três meses, esgotado um “múltiplo de 10”, entrei na fila para renová-lo e, enquanto esperava, veio, pela primeira vez, a fantasia mortal:

– Dos dez, quantos bilhetes ainda terei tempo de usar?

A fila estava longa. Sobrou tempo para a tradicional luta entre as metades da mente:

– Leve os dez! Dá tempo! Pára de ser derrotista-depressivo!!!

– Pára você de ser onipotenta, a se julgar imorrível!!!

Não poderia continuar imóvel, estático, catatônico de tanta ambivalência, a olhar a cara espantada, mas exigente, do bilheteiro.

Pressionado, respondi sem pensar, inconsciente puro, respondi com uma

pechincha. Fiz média em cima do muro:

– Múltiplo de dois!

Mas como em cima do muro é posição instável, e as médias duram o mesmo que duram as rosas do Baudelaire, dois meses depois lá estava eu novamente na fila. Enquanto aguardava minha vez, constatei, até com certa alegria, que nós, os velhos realistas, alcançamos, na vida natural, o estado de graça que os psicoterapeutas procuram por disciplina: o *aqui* e o *agora* absolutos. Incapacitado de fantasiar com o *ali* e com o *então*, só me restavam o *aqui* e o *agora*. Integrais!

Neste momento, impôs-se clara e definitivamente a impossibilidade de fantasiar em perspectiva, fantasiar *pra frente*, e, com toda a convicção, seguro, estendi os R\$ 2,10:

– Bilhete unitário!

E foi assim, desta *causa mortis* comum – perda da capacidade de colocar algum futuro no presente – que, na última quinta-feira, morri os 2/10 que faltavam!

Oswaldo di Loreto
é Médico Psiquiatra



O Instituto Penido Burnier (IPB) de Campinas e seu fundador

Duílio Battistone Filho

Desde os tempos imperiais, Campinas primou por ter bons hospitais, que sempre prestaram toda a assistência à população. Em 1920, foi fundado o Instituto Penido Burnier pelo oftalmologista João Penido Burnier (1881-1971), baiano de Alagoinhas, que cresceu em Juiz de Fora (MG) e formou-se, em 1903, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Antes de fixar-se em Campinas (1910), ele fez especialização em centros renomados da Europa. Nos anos que se seguiram, Penido Burnier foi médico da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e, em 1918, decidiu iniciar o trabalho para instalar um hospital de olhos em Campinas. Dois anos depois, nasceu o Instituto Oftalmológico, o primeiro do Brasil de iniciativa particular, que se tornou referência nacional, graças à localização geográfica da cidade e ao importante entroncamento ferroviário existente na região. Os pacientes do país inteiro começaram a passar por Campinas, principalmente na década de 1930, quando ocorreu uma epidemia de tracoma.

Nos primeiros anos de funcionamento do Instituto, Penido Burnier esteve na Europa, de onde trouxe novas tecnologias de tratamento dos olhos, como o caso da sulfa, um dos primeiros antibióticos eficientes a serem adotados no setor. Também se encarregou de trazer ao Brasil técnicas de tratamento avançado, como o implante de lentes no lugar do cristalino. Durante uma de suas viagens à Europa, os médicos do Instituto se uniram e decidiram prestar-lhe uma homena-

gem, dando o seu nome a esse centro hospitalar.

Ao longo da carreira, o especialista colecionou títulos e honrarias. Chegou a integrar a Comissão de Profilaxia e Tratamento do Tracoma no Estado de São Paulo. Enquanto esteve trabalhando, publicou cerca de 200 trabalhos em revistas e jornais do Brasil e do exterior. Deve-se ressaltar sua tese de doutoramento, intitulada *Simpatectomia no tratamento do glaucoma*. Muitos de seus trabalhos estão inseridos na revista semestral do *Arquivo do Instituto Penido Burnier*, cuja publicação é distribuída gratuitamente aos consultórios de oftalmologia de todo o Brasil. Aliás, o Instituto possui uma das bibliotecas de oftalmologia mais completas do mundo, composta por nove mil volumes e uma coleção de revistas científicas do Brasil e do exterior. Há um volume, *Trato sobre as doenças dos olhos*, escrito em francês e publicado em 1740, que é o mais antigo livro sobre oftalmologia de que se tem notícia.

Vereador à Câmara Municipal de Campinas, sempre lutou em favor dos desvalidos. Recebeu do governo francês a medalha *Santé Publique de France* e teve seu nome na Ordem Nacional do Mérito Médico do Brasil e no livro do Mérito da Cidade de Campinas. Declarado por atos oficiais das respectivas Câmaras Municipais cidadão paulista e cidadão campineiro, foi membro honorário da Academia Nacional de Medicina e pertenceu a várias sociedades científicas nacionais e estrangeiras.

Mas se o fundador já morreu, a tecnologia avançou bastante. Em 1995, a

diretoria investiu em equipamentos de origem européia que pudessem tornar viáveis as cirurgias refrativas a laser nas córneas, forma mais rápida e segura de combater males como a miopia, o astigmatismo e a hipermetropia. Antes, essas cirurgias eram feitas apenas com o auxílio do bisturi, e o período de recuperação do paciente durava de três a seis meses. Hoje, a intervenção cirúrgica dura 30 segundos e a recuperação dura, no máximo, 15 dias. Na técnica atual, a córnea é *esculpida* com luz ultravioleta, livrando o paciente do risco de uma infecção. Algumas determinações do doutor Penido são respeitadas até hoje: a equipe médica presta serviço exclusivo ao IPB e reúne-se periodicamente para troca de experiências e informações. Além disso, a equipe não ousa usar pacientes em experimentos: só são efetuados os tratamentos que contam com o reconhecimento internacional.

Cerca de cinco mil consultas mensais e 400 cirurgias são efetuadas a cada mês, muitas delas gratuitas. Como um autêntico hospital, o Instituto dispõe de leitos para internação. O custo do atendimento aos carentes é coberto pelo próprio Instituto ou pelos médicos vinculados à Fundação Penido Burnier, criada em 1965. Enfim, o IPB cumpre o seu papel de aliviar o sofrimento daqueles que o procuram. É, sem dúvida, um estabelecimento que honra, sobremaneira, Campinas, São Paulo e o Brasil.

Duílio Battistone Filho
é Membro da Academia Paulista
de História

Futebol (um pouco de história)

José Carlos Barbuio

Ferrovia

Até o século retrasado, São Paulo era uma cidade média, sem muita expressão. Ela começou realmente a crescer, a se tornar uma grande metrópole, com a construção da ferrovia que liga Santos a Jundiá, a qual permitiu que fosse escoada a produção de café produzido no interior do Estado para o porto de Santos.

São Paulo, em razão de sua privilegiada posição geográfica (planalto) e por estar praticamente no meio dessa importante ferrovia, começou a se transformar no maior centro comercial do Brasil, cujo bairro mais importante foi, sem dúvida, o Brás.

Na construção dessa via ferroviária, complicada por causa da Serra do Mar (800 metros de declive), estiveram envolvidos vários banqueiros estrangeiros e também o nosso Barão de Mauá. O sistema adotado para vencer a Serra foi o chamado funicular. Neste sis-

tema, utilizam-se cabos de aço para suportar o peso. Enquanto um trem sobe, um outro ligado a ele desce, para funcionar como contrapeso.

A ferrovia foi inaugurada em fevereiro de 1867 e considerada uma obra-prima de engenharia. Depois de muitas complicações, foi dado a uma empresa inglesa – **São Paulo Railway Co.** – o direito (concessão) de explorá-la. Sua encampação ocorreu em 1946. E aqui entra o assunto do qual pretendemos falar – o futebol.

Charles

Charles Miller era filho de um funcionário inglês da mencionada empresa ferroviária. Não resta a menor dúvida de que ele foi realmente o introdutor do futebol no Brasil. Ele nasceu aqui, mas foi para a Inglaterra estudar, onde tomou contato com o esporte. Quando voltou, trouxe em sua bagagem, além de sua notável habilidade

(foi atacante, goleiro e árbitro), bolas de capotão, bolas de borracha, bombas de ar (para encher a bola), chuteiras, regulamentos, manuais etc. Não trouxe só o futebol, mas também o tênis, o golfe etc. Antes, aqui apenas se jogava a “pelota” espanhola, que era um tipo de tênis.

Primeiro jogo

O primeiro **jogo oficial** de futebol de que se tem notícia **no Brasil** foi realizado em São Paulo, no dia 14 de abril de 1895, entre os funcionários da companhia ferroviária inglesa (São Paulo Railway), onde Charles Miller também trabalhava (e jogava), contra os funcionários de uma companhia de gás. Os treinos eram realizados nas várzeas e eram constantes as paralisações por causa de bois e burros que nelas pastavam. Os jogadores usavam calças (compridas), pois não havia ainda o hábito dos calções.



Primeiro campeonato

O primeiro campeonato paulista teve início em 3 de maio de 1902. Os times: Mackenzie, Germânia (hoje Pinheiros) Paulistano, Internacional, São Paulo Athletic Club – este formado pelos funcionários da ferrovia. O São Paulo Athletic Club mudou posteriormente para Nacional, que existe até hoje. O São Paulo A. C. não teve (e não tem) nenhuma relação com o São Paulo F. C., que hoje conhecemos.

No início, o futebol era um esporte de **elite**. Ele começou a se popularizar pelos idos de 1920. **As expressões da época:** Corne (escanteio), Goal-Keeper (goleiro), Off-Side (impedimento), Back (beque-zagueiro), Center-Half (zagueiro central ou volante), Score (resultado), Speaker (locutor), Esporte bretão (futebol).

Corinthians X Palmeiras

No Rio de Janeiro, também se começava a jogar futebol. Por iniciativa do Fluminense Football Club, recém-fundado, foi convidado para vir ao Brasil um time inglês chamado Corinthian Football Club (sem o “s”). Esta equipe causou grande impacto em terras brasileiras. Ganhou todos os jogos disputados. A influência foi tanta que

um grupo de trabalhadores do Bom Retiro decidiu também fundar uma, à qual deram o nome de Sport Club Corinthians (com “s”) Paulista.

Outros trabalhadores, descendentes de italianos, não se conformaram com esta excessiva reverência aos ingleses e, por isso, também fundaram o seu próprio time, o qual veio a se chamar Palestra Itália. Ou seja, a rivalidade, hoje existente, entre estes times começou **antes** mesmo de eles serem formados! Getúlio Vargas, por meio de um decreto, exigiu a mudança do nome Palestra Itália, em virtude de aquele país ser nosso inimigo durante a Segunda Grande Guerra. Assim, o Palestra virou Palmeiras. As cores do time, que eram vermelha, verde e branca (da bandeira italiana), passaram a ser verde e branca, apenas. O Clube Germânia, pelo mesmo decreto, também foi obrigado a mudar de nome. Virou Clube Pinheiros.

Uma curiosidade: a denominação (ou apelido) “Timão”, dado ao Corinthians, não se deve ao fato de ele ser um time grandioso (como ele realmente é), mas, sim, ao seu emblema, o qual, com seus dois remos cruzados, lembra o timão (a “direção”) de um navião.

Palmeiras

Em 1903, ocorreu um novo (o segundo) campeonato paulista, agora com um time novo, chamado Associação Atlética **das Palmeiras**. Este time **não** tinha nenhuma relação com o Palestra Itália e, conseqüentemente, com o Palmeiras que hoje conhecemos. Ele foi fundado por moradores dos bairros Santa Cecília e Higienópolis.

Campo iluminado

Em 1948, veio ao Brasil uma equipe inglesa, chamada SOUTHAMPTON F. C., a qual jogou contra vários times nossos. Ganhou alguns e perdeu outros. Desta vez, os ingleses reconheceram a habilidade dos nossos jogadores. Um fato interessante: eles nunca tinham visto um campo iluminado! Viram pela primeira vez no Brasil, porque o racionamento de energia elétrica na Inglaterra era rigoroso.

Interior

A ferrovia não foi só (indiretamente) responsável pelo início do futebol no Brasil, como também ajudou a formar vários outros times pelo interior do Estado de São Paulo. A grandiosa Ferroviária de Araraquara, de grata memória, atualmente fazendo um grande esforço **para sua recuperação**, é apenas **um dos inúmeros exemplos**.



Fontes consultadas: *Charles Miller* – o pai do futebol brasileiro.
 Autor: John Mills.
S. P. R. – memórias de uma inglesa.
 Autor: Paulo Augusto Mendes.

José Carlos Barbuio
 é...

Olho de Elefante*

Alitha Guimarães Costa Reis

“De Viena pulei para Berlim. Embora Buda tivesse apagado muitas das minhas sedes íntimas, não conseguiu extinguir a sede de ver o maior número possível de lugares da terra e dos mares. Ele me dera o que ele mesmo chamou de ‘olho de elefante’, a capacidade de ver todas as coisas como se fosse a primeira vez e saudá-las, de ver todas as coisas como se fosse pela última vez e dizer-lhes adeus.”

Nikos Kazantzakis (1885-1957) (*Relatório para Greco*)

Por muitos anos venho guardando lembrança da prodigiosa memória de uma amiga de meu pai. Amiga de circo.

O circo ocupou por semanas o terreno baldio próximo à nossa casa. Eu era bem pequena, e tudo era um deslumbramento. O circo chegava com estrépito, um desfile com artistas e animais pela cidade, música empolgante, a montagem da lona. Podíamos conviver com o dia-a-dia dos artistas. Víamos como eram feitas as cornucópias azuis de papel, com rendas e laços, cheias de doces, que eram vendidas à noite, no espetáculo, com canudinhos de amendoim, pipocas e pirulitos de tábua. Víamos também a higiene, a alimentação e o treinamento dos bichos. Eram boas pessoas, tratavam bem os animais. Aprendíamos sobre a vida nômade, nos *traillers* e tendas, como se arrumava a serragem e a palha de arroz, como se faziam as roupas. Para nossa surpresa, as crianças estudavam, freqüentavam escolas por onde

passavam, e os pais acompanhavam seus estudos, assim como os treinos do circo. Assistíamos aos treinos, eles não se importavam. Bem sabiam que era à noite que a mágica acontecia: homens e mulheres comuns transformavam-se em palhaços, trapezistas, equilibristas, com roupas coloridas e brilhantes.

Era inverno. A temperatura caía a menos 5°C e o circo ficava próximo ao rio. Meus pais falaram com eles, as crianças menores foram convidadas a dormir no quarto grande que eu dividia com minha irmã. Foi assim que me tornei amiga de uma garotinha de franja e cabelos lisos, que regulava comigo em idade. Ela contava histórias sobre o circo, e nós brincávamos muito. Minha mãe contava histórias à noite, mas de dia aproveitava para ensinar a nós duas português e matemática. Foi assim também que meu pai tornou-se amigo do dono do circo. Sempre achei meu pai, que era piloto, herói condecorado, muito fechado e sério, e foi uma boa surpresa vê-lo rindo, contando histórias, e até falando numa língua que eu não conhecia. Ele dizia apreciar a tenacidade da gente de circo, vencendo um desafio a cada dia. Assim os homens ficavam conversando por muito tempo, próximos à elefanta, que ficava numa espécie de dança, presa pela pata por correntes. Ela queria atenção. Meu pai levava amendoins, falava com ela, que se afeiçoou bastante a ele. Tento, agora, lembrar o nome da elefanta, mas só me lembro bem de seu

olhar arguto, fixo. Perguntei a quem poderia me dizer, ninguém se recordou do nome dela. Vou, então, chamá-la aqui de Lia. O som desse nome parece-me ser o mais próximo.

Estudei os elefantes depois disso: que animais fantásticos! São os maiores quadrúpedes que existem. Neles, o nariz e o lábio superior vêm unidos, formando a tromba, com função olfativa, que serve para obter água, pegar objetos pesados como uma pessoa ou leves como um palito. São surpreendentemente delicados e precisos. Lia era de origem asiática, talvez da Índia ou do Ceilão (*Elephas maximus*), uma fêmea (*alija*, em cingalês) com mais ou menos sete anos, cerca de três toneladas, incisivos curtos (presas de marfim) e problemas recorrentes de pele.

Parentes longínquos dos mamutes e mastodontes, os elefantes evoluíram sendo sociáveis. Às vezes vistos no Ocidente como símbolos de peso e lentidão, no Oriente o simbolismo é outro: força e potência (*mâtangi*), longevidade, prosperidade. Chamados “Ga-já”, são considerados as cariátides (suporte) do Universo, as montarias de deuses e reis, e também, por serem arredondados e de cor cinza, o símbolo das nuvens que trazem chuvas. Ganesha, o filho da Shiva, é representado na Índia com cabeça de elefante.

Várias lendas falam do horror dos elefantes a ratos (porque lhes roem as patas) e de sua prodigiosa memória. Nas aventuras de Simbad, o marujo,

* Premiado como o melhor trabalho apresentado ao XXI Congresso Brasileiro de Médicos Escritores da categoria de contos. Macéio, abril de 2006.

elefantes mostram ao caçador seu cemitério repleto de marfim, para que ele pare de persegui-los e matá-los apenas por suas presas.

Na Idade Média ocidental, os elefantes foram associados à sabedoria, à temperança, à eternidade e à castidade. Isso porque Aristóteles, séculos atrás, teria dito que eles se mantêm fiéis durante a prenhez de quase dois anos das fêmeas.

O circo voltou à cidade uns dois anos depois. Minha amiguinha havia crescido e treinava para ser equilibrista. O circo prosperara, lona nova, novos animais, números diferentes: globo da morte, cavalos, uma peça teatral...

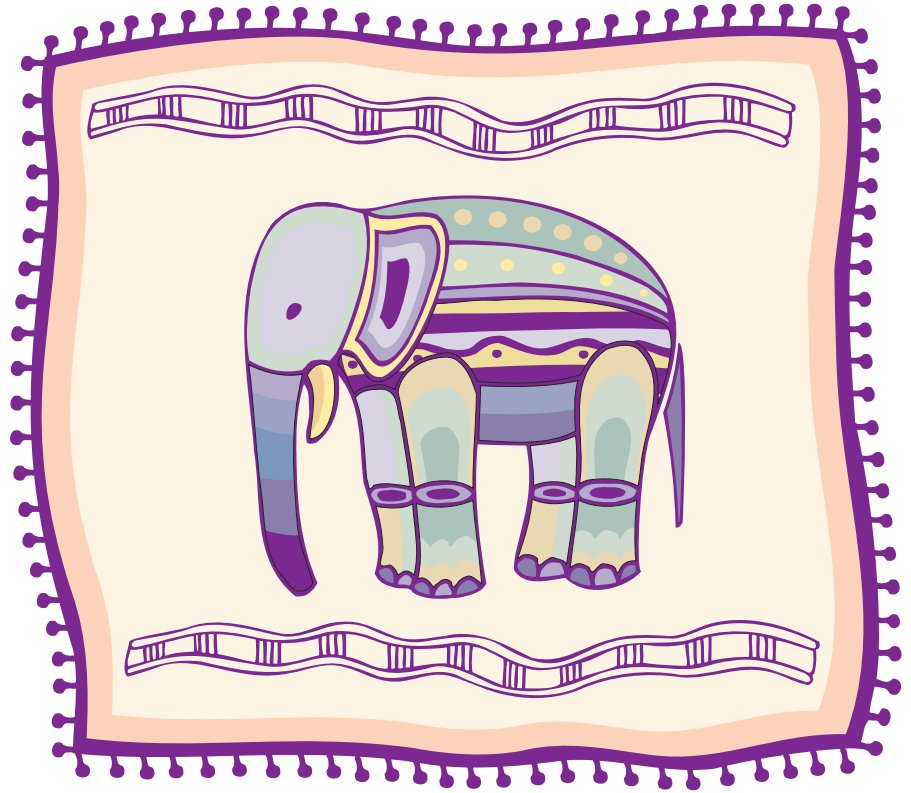
Meu pai viajara, chegou no dia da estréia, quase na hora do espetáculo. Como de costume, trouxera livros e eu tive que insistir para que largasse deles e me levasse ao circo. Minha amiguinha se equilibraria na grande bola cheia de estrelas! Ficamos próximos ao picadeiro, e eu estava impaciente.

Depois de alguns números, o homem de cartola anunciou o elefante. Banquetas foram posicionadas, o elefante entrou em cena. Olhando bem, era uma fêmea. Olhando melhor ainda, que boa surpresa, era Lia! Que bom encontrar uma velha amiga, eu pensei, vou passear de elefante outra vez. Quando vieram os aplausos para a primeira parte do número, meu pai se levantou:

– Bravo, Lia!

E, de repente, ela o olhou.

Parou de fazer seu número, levantou a tromba e barriu, um alto e estranho som que se sobrepôs à música do espetáculo e deixou as pessoas em sobressalto, inclusive o domador e a moça de maiô laranja cintilante que já ia subir pelas suas patas. O que teria acontecido?



Lia movia-se bem rápido para uma criatura tão grande, e avançava com toda a determinação em direção as arquibancadas. As pessoas recuaram, cadeiras voavam nos camarotes, mas, subitamente, Lia parou, e, delicadamente, pôs a tromba no ombro esquerdo de meu pai. Coincidentemente ou não, ele estava com amendoins, e os deu a ela. Enquanto Lia pegava os amendoins, a platéia passou do pavor ao aplauso. De pé! Meu pai sorria, e logo ela voltou sossegadamente ao picadeiro, e completou sua função.

Dessa vez, o circo não ficou tanto tempo na cidade. Estava quente, e a temporada prometia. Meu pai ia sempre lá para conversar, e agradava Lia com amendoins. Quis até comprá-la: minha mãe, irritadíssima, perguntou a ele se sabia o preço de um elefante e o custo de mantê-lo...

Quando o circo levantou lona e se foi, meu pai assistiu à partida da varanda, com seu cachimbo favorito, disfarçando muito bem a comoção.

Passando por nós, Lia levantou a tromba e barriu, e só não voltou porque o domador a impediu. Mesmo assim, olhou para trás.

– É a última vez que a vejo, ele disse.

– Pai, o circo volta, respondi.

Tempos depois, um trabalhador contratado para uma empreitada na cidade contou no bar que havia ajudado a cavar o maior buraco que qualquer um já tinha visto, para um elefante morto. Então, soubemos que Lia havia sofrido um acidente durante uma tempestade, tocando com a tromba um fio de alta tensão.

Como sempre, em horas como essa, eu e meu pai não dizíamos uma só palavra. Compartilhávamos longos silêncios. Dessa vez, no entanto, brilhou em meu pai o “olho de elefante”, que pressentiu a morte da amiga e em seu coração lhe disse adeus.

Alitha Guimarães Costa Reis
é...

Órgãos dos sentidos

(Na esfera do amor)

Trovas em redondilha maior

Fábio Guimarães Lobo

(Olfato):

Vou-me embora, vou partir,
Vou daqui pra um amor,
Vou com pressa pra sentir,
O perfume de sua flor...

(Visão):

Vou olhá-la com acurácia,
Para ver bem com inteireza
E com muita pertinácia
Sua intrigante beleza...

(Audição):

Vou ouvi-la com atenção
Sem fazer ouvidos moucos,
Pra sentir na audição
Seus murmúrios, inda que poucos.

(Gosto):

O sabor... só por seus beijos,
Será possível medir.
Pois nem todos meus desejos
Me levarão a desistir...

(Tato):

Pra terminar... só no tato,
É que espero te encontrar
Pois basta um simples contato,
Pra na pele o amor ficar...

Prolapso de vagina

Alípio Matias da Silva Marques

I

Oculto, dá azo à cobiça,
Açula a imaginação,
O que já gerou muita liça,
Lágrimas, mortes, destruição.

II

De finas camadas composta,
Após persistente e lenta extrusão,
Eis a vagina aqui exposta,
Em toda a sua extensão.

III

Como está provoca espanto,
Estupor e desencanto,
Toda à mostra, insepulta.

IV

Na mão hábil do cirurgião,
É resposta a forma, a função
E, novamente, se oculta.

Inclémência do superego

Paulo Fralette

É uma noite longa a que atravesso...
Ouço insistir lá fora a voz do vento.
É uma voz murmurando algum lamento,
Que em mim gravou-se, e tristemente expresso!

Mas, afinal por que, e por quem padeço?
É o lamento tristíssimo do vento
Ou do meu próprio eu um sofrimento,
Que eu quero esquecer e não me esqueço?!

Em outras noites, visitante é a insônia,
Que vem me castigar, horas e horas,
Por algo feito de uma forma errônea!

Como é inquisitorial nossa consciência,
Maltratando-nos tanto, e a desoras,
Sem piedade nenhuma e nem clemência!

Ela

(Tributo a J.R. – Espírito Zombeteiro)
Alípio Matias da Silva Marques

I

Fonte de amor, motivo de cobiça,
De valor às vezes cara, às vezes vil,
A cabeça de todos enfeitada,
Da do vetusto, à da varonil.

II

E como diz o solerte colega,
Auxiliar de reconstruções várias;
É na pressão, no calor da refrega
Que, as tiradas, mais são hilárias.

III

Com pitadas de leve picardia,
Pífias ou picantes brincadeiras,
Passa-se o tempo na cirurgia.

IV

Lá diz ele – dá-se vasta risada –
Do fixar ao retirar as perneiras,
Nada supera a tal “carne rosada”.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] – Celso Carlos de Campos Guerra
José Roberto de Souza Baratella – Rubens Sergio Góes – Rui Telles Pereira

Cinematoteca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.